

EDITORIAL

(DES) FIGURAÇÕES DO FEMININO NA POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Entre os dias 18 e 19 de outubro de 2022, na Universidade de São Paulo, ocorreu o Colóquio *(des) figurações do feminino na poesia moderna e contemporânea*, sob organização de Masé Lemos e Viviana Bosi. O colóquio visava refletir sobre as diversas maneiras pelas quais o sujeito lírico no feminino é figurado e desfigurado no poema, pelo gesto de se abrir ao outro. A partir do interesse das discussões então realizadas, propusemos ao GT Teoria do Texto Poético trazer o tema para compor um dossiê da *Revista Texto Poético*, em chamada aberta. A resposta dos autores foi muito positiva e agora podemos apresentar ao leitor um conjunto provocativo de estudos a respeito dessa questão tão fundamental em nossa contemporaneidade.

O poema pode pensar acerca do que seria o feminino, suas figurações e desfigurações, o que pode dizer muito sobre as condições de sua visibilidade e de sua subjetivação em certo momento histórico, assim como interroga maneiras de inaugurar outras linhagens na tradição poética. Cada poeta cria de forma singular, exercendo um movimento que aspira a substituir a abstração de uma ideia de poesia pela reinvenção própria do gênero lírico, mas, também, pelo questionamento do gênero do sujeito lírico, *feminino*. Afinal, do que se fala quando se evidencia uma escrita de mulher em poesia?

Com essa perspectiva, as (des)figurações da subjetividade e da paisagem fabricam diversas maneiras de habitar o dispositivo poético, maneiras de o corpo *feminino* se deslocar por cenários tão diversos tais como a natureza de uma mata primária, as grandes cidades ou o universo midiático das redes de internet. O movimento de figuração, menos que representar, almeja criar imagens capazes de tornar visíveis corpos e modos de vida, e muitas vezes se utiliza da ironia e da paródia para romper o imaginário tradicional do que seria o feminino, desmontando o funcionamento retórico dos discursos circundantes.

Se, de um lado, temos o peso das identidades impostas pelos discursos e práticas sociais que constroem o ser mulher posicionando-a em lugares e funções pré-determinadas, de outro, percebemos a renegação da singularidade da mulher e

sua posição histórica, sob o manto de um universal indelével. Assim, interessa pensar poéticas que constroem figurações/desfigurações de um eu, enquanto performance de um ser feminino, mas sobretudo como possibilidade de, pela linguagem, constituir modos de subjetivação sempre transitórios. Afinal, figurar e desfigurar funcionam também como maneiras de se aproximar, por meio da escrita, da experiência de uma presença imediata ou daquilo a que podemos chamar de *real*.

Os primeiros quatro artigos do dossiê, “A mulher, a poesia e a teoria literária”, de Susana Scramim, “Mobilidades do feminino”, de Paula Glenadel, “Florbela Espanca e as noções de poesia moderna”, de Leonardo Gandolfi, e “Isto não é um útero: outros modos de ser do signo em Angélica Freitas”, de Roberto Zular, são de participantes convidados do referido colóquio, assim como os depoimentos acompanhados de poemas de Simone Brantes e Zainne Lima da Silva, que fecham este número.

O instigante artigo de Susana Scramim propõe e entrelaça, como sinaliza seu título, conceitos acerca da escrita de mulheres, poesia e teoria literária, criando novas possibilidades de leituras crítico-teóricas. Com esse propósito, recoloca o conceito de poesia a partir da prática da enunciação em primeira pessoa – um lirismo da intimidade – que se singulariza a partir de suas relações com a História. Em seu artigo, mais especificamente, articula relações com as noções de gênero, *gender* e teoria literária contemporânea a partir da leitura do trabalho literário de Paula Glenadel, Angélica Freitas e Clarice Lispector. Nesse sentido, para Scramim, são “as noções de gênero que irão indicar o pertencimento e a precedência das noções de intimidade, ou se quiserem, de subjetividade e de escrita, portanto, as estruturas antropológicas fundamentam as noções de gênero que conformam – dão forma – à intimidade”. No entanto, a intimidade que lhe interessa é aquela que articula o interior com o exterior, ou seja, “uma intimidade *éxtima*, [pois] ali não há espaço para a identificação, ali se produz o lugar de ser ao mesmo tempo que o risco de não conseguir ser habita essa intimidade.”

Em seu artigo-depoimento, “Mobilidades do feminino”, Paula Glenadel parte de sua prática de escrita, que alia a poemas de Simone Brantes, Angélica Freitas e Claudia Roquette-Pinto para refletir sobre o tema do *feminino* em sua relação com a mobilidade tanto espacial quanto existencial. Salienta ainda a imobilidade imposta às mulheres, ao longo da história, assim como a conquista de inúmeras maneiras de mobilidade que se transportam para a escrita poética feminina. Nas tensões entre imobilidade e mobilidade, ou seja, “dos termos mesmos dessa oposição [...] caberia desenhar uma estratégia de *(des)figuração do feminino*: ela consistiria em alcançar uma mobilidade,

possibilitando a um sujeito-mulher seguir o movimento do seu desejo, sem todas as contenções que operam muito mais fortemente sobre si”.

Leonardo Gandolfi, em “Florbela Espanca e as noções de poesia moderna”, questiona os limites da noção de modernidade na literatura portuguesa a partir da recepção da poesia de Florbela justamente através de paradigmas modernos, tais como a impessoalidade ou despersonalização, ou as formas livres de poema. Gandolfi coloca em evidência o esforço e o alto preço pago por Florbela diante de “uma tradição cujo lastro de figuração feminina se dá, quase que exclusivamente, como objeto ou como discurso rasurado”. O artigo sinaliza justamente a maneira como certa recepção crítica espetaculariza sua biografia “para ler os poemas de Florbela [o que] constitui uma violência a mais, entre as tantas violências que a poeta sofreu”. Com essa perspectiva, Gandolfi propõe uma leitura da poeta para além do biografismo *strictu sensu*, e do fingimento e impessoalidade pessoais, uma vez que se há “um investimento enorme dos poemas da autora na primeira pessoa do discurso na direção da autodefinição, a razão pela qual ela faz isso difere do autocentramento confessional de uma poesia romântica”, ou seja, constrói figurações da subjetivação e também da objetificação como mulher que são tanto críticas quanto políticas e, portanto, modernas.

Roberto Zular propõe uma original leitura da obra de Angélica Freitas a partir dos jogos de substituições realizados pela poeta que entrelaça humor com erotismo. Zular realiza leituras de diversos poemas, demonstrando como a partir do estranhamento das vogais, por exemplo, “interseccionalizando com a linguagem, intersexualizando – erotizando – a linguagem, chegamos no deslocamento do feminino sobre a animalidade, esse sistema bem-humorado de trocas se radicaliza ao substituir um útero por um punho, ao bagunçar a linguagem no feminismo, fazendo da mulher uma construção”. Assim, a sereia de Angélica Freitas torna-se “a mulher desejante do próprio desejo”.

Carla Miguelote, por sua vez, observa como Angélica Freitas, Féres, Maria Isabel Iorio e Lilian Sais criam estratégias de subversão das normas de gênero. Aproximadas da leitura que Judith Butler faz de *Antígona*, ou seja, como atos linguísticos de desobediência. Pergunta a autora, “do que se trata, então? O que essas estratégias de linguagem mobilizam, deslocam, (des)figuram?”. Procuram, nessa desobediência radical, escrever rasurando modelos de gêneros impostos, nesse sentido, “escrever *quiném homem* não significaria escrever como um homem, emulando sua voz e ponto de vista, mas de um modo *que nem* a categoria homem, *que nem* a categoria mulher deixariam rotular ou aprisionar”.

A leitura expandida de *Sangria* (2017), de Luiza Romão, proposta por Isaac Giménez visa a dar atenção não apenas ao plano literário, mas também ao performativo-visual. Romão reescreve na pele e na escrita o trauma histórico do silenciamento feminino a partir de releituras que faz do nosso modernismo. Por isso, “Primeiro, reconhece o ciclo transgeracional de abusos (e o silêncio resultante dele) como herança criativa. Segundo, propõe a vagina-guelra de bicho como *locus* a partir do qual repensar a radicalidade do nome próprio e, junto com ele, os cimentos histórico-culturais do Brasil”. A poeta propõe a urgência do “*descobrimento do feminino*, ou seja, de historicizar a partir de um corpo autoral feminino que sobrescreva o nome próprio, e com esse gesto também a violência do pensamento masculino”.

Em “A escrita, o corpo e a bomba: (não) maternidade na poesia contemporânea de mulheres”, Flávia Dall Agnol de Oliveira e Rita Terezinha Schmidt apresentam um estudo sobre como a palavra poética atual, escrita por mulheres, acionam “o desafio de questionar, contestar e subverter o mundo ordinário”, criando um contradiscurso. Escolhem a poesia de Cristiane Sobral e Bianca Chioma a partir do tensionamento que fazem do senso comum sobre a maternidade e como esta se inscreve como discurso no corpo poético dessas poetisas. Se o “corpo materno, na poesia de Cristiane Sobral e Bianca Chioma, é pensado a partir de múltiplas perspectivas”, não se deve esquecer da perspectiva de que as “mulheres negras enfrentam a opressão de gênero associada diretamente à opressão de raça”. Essas figurações do corpo materno que se apresentam na intercessão entre gênero, classe e raça “atuam, desde a base, na existência e não de escolhas em relação ao exercício da maternidade”.

Paulo Antônio Vieira Júnior e Andressa Souza e Silva apresentam leitura de uma seleção de poemas do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, da consagrada poeta e escritora Conceição Evaristo, que se configuram como reescritura crítica de outros poemas, a partir de uma chave parodística. Evaristo forja o conceito de “contra-poema” para, como explicam os autores, buscar “por meio do processo parodístico construir um poema contra-discursivo, capaz de questionar e apontar os problemas vivenciados por sujeitos afrodiáspóricos”. A autora, ao dialogar com poetisas tais como Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, mas também com Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, entre outros, constrói novas perspectivas, inventa novas genealogias, reelabora o cânone no plano estético e temático e introduz imaginários e memórias que revitalizam não apenas os textos alvos, que são colocados em nova perspectiva, mas igualmente a literatura brasileira.

Em “(Des)figurações do feminino na poesia contemporânea”, Inês Oseki-Deprê procura identificar traços formais na poesia feminina brasileira em poemas extraídos da antologia *Poesie Intraitable* (2022), publicada na França e que foi organizada e traduzida pela autora. Por outro lado, parte do livro *Polifonia Pentésileia* (2022), da francesa Liliane Giraudon, publicado no Brasil e traduzido pela autora com Marcelo Jacques de Moraes, “procurando discernir no texto traduzido do francês para português, semelhanças ou dissemelhanças em relação à poética feminina brasileira”. É através de sua experiência prática e teórica de tradução que a autora busca “apreender de maneira crítica uma possível ‘especificidade’ da escrita dita feminina”, ou seja, sobre os modos formais, e não apenas temáticos, pelos quais o sujeito feminino contemporâneo é figurado e desfigurado no poema, constituindo-se no gesto de se abrir ao outro, para realizar “uma captação descontínua e imediata do real ou de sua presença”. Dessa forma, se interessa pelas “associações abruptas, uma forma enigmática de captação do real, a ausência de elos entre os diversos termos utilizados” e ainda pelo modo de refazer o gênero literário, pelas citações, pelo aspecto gráfico, pela estrutura, pelo aspecto visual, pela prosódia como estratégias utilizadas tanto por Giraudon como pelas poetisas brasileiras, enquanto pistas para uma escrita “feminina”.

O dossiê fecha com o artigo “Defiguring the feminine: the vengeful woman figuration in Annie Bannerman’s Poetry”, de Paula Ramos e Maria Conceição Monteiro, o qual apresenta ao leitor essa poeta escocesa do começo do século XIX, tão pouco conhecida entre nós, através de dois de seus poemas: “The Mermaid” (1800) e “The Dark Ladie” (1802), nos quais são figurados a “mulher vingativa”. Se a mulher tradicionalmente é representada como dócil, a mulher vingativa que surge nos anos oitocentos britânicos usa “a violência como ferramenta de vingança, o que as leva, numa perspectiva pós-gênero, à dessexualização. Assim, *unsexed*, são capazes de livrarem-se de um feminino limitante e restritivo em direção a uma experiência mais dispersa, rizomática, capaz de englobar os diferentes femininos existentes”.

A seção *Vária* deste número reúne estudos sobre poetisas como Maria Antonieta Tatagiba, Cecília Meireles, Orides Fontela e Renata Pimentel sob perspectivas diversas do dossiê. Paulo Sodré observa a questão do humor “no único livro de Maria Antonieta Tatagiba, *Frauta agreste* (1927), conjunto de poesia bucólica fundamentalmente baseada na poética academista do início do século XX no Brasil”; Ilca Vieira e Wesley Rocha estudam figurações da paisagem em Cecília Meireles, destacando a imagem do jardim; Neftalín Neto e Eduardo Beserra assinam um estudo sobre refrações

ontológicas nas poéticas de Orides Fontela e Renata Pimentel. Também a poética de Fontela, a partir da temática do espelho, é objeto de análise no texto de Vinicius de Oliveira Camargo e coautores. Fecha a Vária um estudo de Teresa Jorge Ferreira sobre o poeta Ruy Belo, um dos nomes mais referenciais da poesia portuguesa moderno-contemporânea, no qual a discussão da subjetividade e sua relação com o mundo é fonte de grande inquietude existencial.

Por fim, como já referimos, contamos com dois depoimentos com poemas, além do artigo-depoimento da poeta, crítica e tradutora Paula Glenadel que aparece na primeira seção deste dossiê: o da poeta, tradutora e ensaísta Simone Brantes e o da poeta e professora Zainne Lima da Silva, que desdobram a escrita no feminino e indagam sobre a condição de suas poéticas. Trata-se de um dos pontos altos de nosso dossiê, pois a palavra poética encarna-se na experiência viva de autoras contemporâneas, cada qual exprimindo de forma singular sua própria (des) figuração do feminino.

Com tal reunião de textos, consideramos que o leitor encontrará neste número motivos suficientes para pensar o lirismo por mão de mulheres e (re)pensar espaços estratificados de escrita, corpos e sentidos.

Masé Lemos *
Viviana Bosi **
Ida Alves ***

* Professora da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Colíder do Grupo de Pesquisa Literatura e Linguagens: fronteira, espaço, performance, memória. Email: maselemos@me.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1450-6582>.

** Professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. E-mail: vivianab@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0217-494X>

*** Professora do Programa de Pós-Graduação Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Bolsista PQ do CNPq. Colíder do Grupo de Pesquisa Poesia e Contemporaneidade e do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras – PPLB/RGPL. E-mail: idaalves@id.uff.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6892-7289>.